



Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Psicologia – IP
Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED
Programa de Pós-graduação em processos de Desenvolvimento Humano e Saúde – PGDS
**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO DESENVOLVIMENTO HUMANO
EDUCAÇÃO E INCLUSÃO ESCOLAR – UAB/UNB**

**CONCEPÇÕES E NECESSIDADES DE FORMAÇÃO DE
PROFESSORES DE DANÇA PARA A INCLUSÃO ESCOLAR**

ZILA NASCIMENTO OLIVEIRA

Orientadora: Alia Maria Barrios González

Brasília, abril
2011



Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Psicologia – IP
Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED
Programa de Pós-graduação em processos de Desenvolvimento Humano e Saúde – PGPS
**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO DESENVOLVIMENTO HUMANO
EDUCAÇÃO E INCLUSÃO ESCOLAR – UAB/UnB**

CONCEPÇÕES E NECESSIDADES DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE DANÇA PARA A INCLUSÃO ESCOLAR

Zila Nascimento Oliveira

Monografia apresentada ao Curso de
Especialização em Desenvolvimento Humano,
Educação e Inclusão, da UAB/UnB - Polo de
Vitória

Orientadora: Alia Maria Barrios
González

Brasília, abril
2011

TERMO DE APROVAÇÃO

ZILA NASCIMENTO OLIVEIRA

CONCEPÇÕES E NECESSIDADES DE FORMAÇÃO DE PRPFESSIONES DE DANÇA PARA A INCLUSÃO ESCOLAR.

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar – UAB/UnB. Apresentação ocorrida em 16/04/2011.

Aprovada pela banca formada pelos professores:

Profa. Ma. ALIA MARIA BARRIOS GONZÁLEZ (Orientadora)

Profa. Dra. MERCEDES VILLA CUPOLILLO (Examinadora)

ZILA NASCIMENTO OLIVEIRA (Cursista)

BRASÍLIA, ABRIL

2011

DEDICATÓRIA

*A Deus toda honra toda glória, por mais essa vitória.
Aos professores e alunos da Escola de Dança, atores principais desse processo de
pesquisa, sem os quais não seria possível realizá-lo.*

AGRADECIMENTOS

Ao meu esposo Pinheiro pela paciência, compreensão, incentivo e carinho, nos momentos de ausência para realização destes estudos.

Aos filhos, Leonardo, Hércules e Uriel fonte de inspiração e renovo das forças nos momentos difíceis.

Aos netos Ricardo e Bárbara, pelos momentos de alegria e esperança, motivação especial para seguir em frente.

A minha mãe Alcy, incentivadora, colaboradora e companheira nesta e todas as jornadas de minha vida.

Aos meus irmãos Sebastião e Elza, por fazer parte da minha história de lutas e conquistas.

Aos meus amigos, que compreenderam a minha ausência no período da realização deste estudo.

Aos professores do curso que competentemente nos instruíram para realização deste trabalho.

A tutora Alia, pela competência e rigor nas orientações, sem, contudo deixar ser extremamente gentil, tornando mais prazerosa essa caminhada.

A Hermelinda, pela competência e carinho, a qual nos ajudou na organização e normalização do trabalho. A quem carinhosamente chamo de Mel.

A amiga Élide, que me incentivou, na participação e ingresso deste curso.

“Inclusão é o privilégio de conviver com as diferenças”

(Mantoan, 2005)

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo principal identificar as concepções dos professores de dança acerca da inclusão escolar. E ainda verificou a necessidade e demanda desses profissionais em relação à formação continuada na área da inclusão escolar. A referida pesquisa é de natureza qualitativa, por ser considerada mais adequada à análise de dados relativos ao desenvolvimento humano, processo que facilita a análise das concepções dos professores de dança a respeito da inclusão escolar, bem como, a reflexão de sua própria prática dentro de um contexto específico que é a escola de dança. Considerando ainda que a presença da disciplina dança no currículo da escola, tem sido apontada pela LDB e os PCNs desde 1997, como elemento facilitador no processo ensino-aprendizagem, os resultados obtidos após análise dos dados são pertinentes, tanto em relação à concepção de inclusão escolar explicitada pelos professores envolvidos, quanto aos indicativos e desejo de formação continuada em inclusão escolar para aprofundamento no tema. O estudo realizado visou o aprimoramento de suas práticas pedagógicas no contexto sociocultural da escola pesquisada, garantido assim o acesso e a permanência dos alunos com NEE no espaço escolar de formação em dança.

Palavras-chave: Formação Continuada de Professores, Inclusão Escolar em Dança.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	v
RESUMO	vii
LISTA DE QUADROS	ix
I. APRESENTAÇÃO	1
II. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	4
1 DESENVOLVIMENTO HUMANO E APRENDIZAGEM NA PERSPECTIVA SÓCIO-HISTÓRICA.....	4
1.1 Uma breve revisão do conceito de inclusão escolar.....	6
1.2 A inclusão na dança educação.....	7
1.3 Formação continuada do professor.....	9
III. OBJETIVOS	12
IV. - METODOLOGIA E MÉTODO	13
1 CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS	13
2 MÉTODO	15
2.1 Participantes.....	15
2.2 Equipamentos e materiais.....	16
2.3 Local de realização da pesquisa.....	17
2.4 Instrumentos de construção de dados.....	18
2.5 Procedimentos de construção de dados.....	18
2.5.1 <i>Fases da pesquisa</i>	18
2.6 Procedimentos de análise de dados.....	20
V. RESULTADOS E DISCUSSÃO	22
1 ANÁLISE INTERPETRATIVA DA ENTREVISTA	23
1.1 Inclusão escolar.....	23
1.2 Relatos de experiências em inclusão.....	24
1.3 Inclusão por meio da dança.....	25
1.4 Desafios da inclusão escolar.....	25
1.5 Necessidade de formação do professor.....	26
2 ANÁLISE DAS OBSERVAÇÕES DIRETAS	27
VI. CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS	36
APÊNDICE A - FICHA DE DADOS DO PARTICIPANTE	38
APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA DE TIPO GRUPO FOCAL	39
ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	41

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Atividades de pesquisa realizadas na escola.....	19
Quadro 2 – Dados dos participantes.....	22

I. APRESENTAÇÃO

Somos diferentes, portanto ninguém é igual a ninguém! Há vinte e cinco anos, venho tentando entender como lidar com as diferenças e por que não dizer, como lidar com os “diferentes” sujeitos portadores de necessidades educativas especiais. Atualmente continuo buscando respostas. Neste complexo universo de aprender e ensinar, foi que iniciei minha carreira como profissional da educação no início dos anos 80, em meio à abertura política do fim da ditadura militar. Logo no começo, deparei-me e conheci o que preconizava Paulo Freire, recém chegado do exílio; aquele que em suas metanarrativas impregnava de sentido os sujeitos e suas ações, percebendo a educação como prática de liberdade. Ao rememorar-las, me vem à mente um belo trecho da composição musical de Almir Sater e Renato Teixeira: “Tocando em Frente” que diz: “[...] Cada um de nós compõe a sua história, cada ser em si carrega o dom de ser feliz [...]”.

Neste embalo musical, e na perspectiva da pedagogia Freiriana que iniciei minha ação no magistério. Impregnei de sentido a minha vida e de outros sujeitos da minha comunidade, quando voluntariamente associei-me às forças comunitárias para militar na educação de jovens e adultos no Projeto Mobral – Movimento Brasileiro de Alfabetização. Aos 23 anos, tive como alunas senhoras com mais de 60 anos. Sem muita compreensão do contexto político e do processo de exclusão latente, participava de um movimento de inclusão social, que fez diferença na minha vida, e na vida daquelas muitas mulheres trabalhadoras, esposas, mães, avós e naquele momento alunas/aprendizes, que vislumbravam ter a oportunidade de aprender a ler e a escrever, direitos que lhes fora, anos negados.

Sabemos que o desejo é a mola propulsora de tudo aquilo que atentamente sonhamos realizar e, assim como sujeito de ação me descobri educadora. Na oportunidade, acreditando no potencial de alfabetizadora, decidi cursar o magistério, formação necessária para o exercício da profissão, pois o certificado que possuía na época era de técnico em secretariado ao nível de 2º grau. Logo que concluí o magistério, ingressei na Rede Municipal de Ensino de Vitória, como professora alfabetizadora, atuando no Ensino Fundamental e na Educação Infantil, foram sete anos de experiência, em três unidades de ensino do Município na prática docente. Movida a desafios, aceitei o convite para compor a Equipe Central da Secretaria Municipal de Educação de Vitória, com a tarefa de

participar do Projeto de Alfabetização – “Implementação do Bloco Único” (1992), semelhante aos Ciclos de Estudos implementados na Rede Pública Municipal de São Paulo na década de 90.

Ainda em 1992, realizei um outro sonho, de ingressar no Curso de Pedagogia, concluindo no ano 1996. Tive ainda a oportunidade de atuar em diferentes frentes de trabalho como Técnico em Educação na Equipe da Educação Infantil, na coordenação dos trabalhos de assessoria aos Centros de Educação Infantil do Município de Vitória. Atuei na coordenação da Formação Continuada dos Profissionais da Educação da Rede Municipal de Ensino de Vitória no período de 1996/1999. Atuei ainda como gestora, na direção de uma Unidade de Ensino Fundamental no período de 1999/2002. Ainda na área da gestão, pude coordenar o Centro Regional do Ensino Aberto e a Distância - EAD no período de 2002/2007. Continuando na EAD, na coordenação Pedagógica do Curso de Administração Modalidade EAD de 2007/2010, e também estou na coordenação Pedagógica da Escola de Teatro e Dança da Rede Municipal de Vitória, a convite da Secretaria de Cultura para auxiliar na elaboração do Projeto Político Pedagógico da Instituição, com vistas a sua autorização e funcionamento para oferta do curso técnico na área do Teatro, da Dança e Música.

Minha trajetória profissional sempre foi marcada por desafios. Ainda que as minhas experiências na base da minha formação não tenham sido tão estimulantes, espelhei-me na esperança adquirida pelo que preconizava a “Pedagogia da Autonomia”, saberes que julgava necessários à minha prática educativa, parafraseando Freire (2008, p.103), gosto de dizer que: “Sou professor a favor da esperança que anima apesar de tudo. Sou professor contra o desengano que me consome e me mobiliza. Sou professor a favor da boniteza da minha própria prática [...]”.

Daquilo que gosto de melhor fazer e na busca de aperfeiçoar a minha prática e torná-la, cada dia mais bela, é que ingressei no curso de Especialização em Desenvolvimento Humano e Inclusão escolar da UAB/UnB, e ao mesmo tempo experimentando uma nova forma de fazer educação em uma Escola de Teatro e Dança, tenho a necessidade de dedicar-me, e de continuar em busca de respostas que ainda hoje me inquietam, as que esclareçam ou não o processo de exclusão social, principalmente no contexto escolar de uma Escola de Arte. Pretendo encontrar respostas, a fim de que possa contribuir para inclusão de alunos/bailarinos, no curso de dança oferecido por essa escola pública do Município de Vitória.

Neste sentido penso que, tratar da exclusão social e escolar como um processo que causa intensa dor, nos torna mais responsáveis e cuidadosos com o trabalho a fazer, pois como nos alerta Kelman (2010), o processo doloroso causado pela exclusão, envolve poder e controle social. O objetivo desta pesquisa foi procurar identificar qual a concepção dos professores que atuam nesta escola de dança, a respeito de inclusão, e se existe necessidade de formação desses professores no processo educativo que pressupõe o conceito de inclusão pois, o que me move é a bandeira da arte como forma de conhecimento, por meio da dança e por este meio tornar-se fonte de conhecimento, conforme bem ilustra Marques (2007).

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, por meio de entrevista semi-estruturada, além de observação no cotidiano da escola junto a um determinado grupo de alunos e professores, participação de atividades no contexto escolar, tais como: avaliações de banca em provas práticas, apresentação de ensaios coreográficos, reunião de planejamento com o grupo de professores, registros por meio de gravações em áudio da entrevista em grupo.

Pretendo com essas ações encontrar respostas para os meus anseios, como educadora, na perspectiva de colaborar, em futuro próximo, com vistas à melhoria da condição de atendimento e da formação dos alunos com necessidades educativas especiais quer em suas limitações físicas e/ou intelectuais. Também contribuir para a formação continuada dos profissionais da área de dança no que diz respeito ao processo da inclusão escolar por meio da arte enquanto um dos instrumentos de integralização e inclusão do sujeito. Pois, para Vygotsky (apud RABELLO, E.T.; PASSOS, J. S., acesso em 08 de março de 2011) a construção do conhecimento, se dá a partir da relação entre os diferentes sujeitos, em ambiente formal ou não formal, o que conta é o relacionamento e a troca de informações, entre esses diferentes sujeitos e o seu objeto de conhecimento.

II. FUDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1 DESENVOLVIMENTO HUMANO E APRENDIZAGEM NA PERSPECTIVA SÓCIO-HISTÓRICA

Tomamos por base a investigação sócio-histórica, dos estudos realizados por Vygotsky (1896-1934), estudioso nascido na Bielo-Rússia, formou-se em literatura e em Direito pela Universidade de Moscou, também frequentou o curso Medicina. Sua área de pesquisa estendeu-se no campo da literatura, psicologia, deficiência física e mental, com maior dedicação nos estudos da psicologia e pedagogia. Vygotsky e Piaget viveram na mesma época, muito embora por questões políticas, esses dois teóricos, nunca se deram a oportunidade de debaterem pessoalmente sobre suas teorias, fato lamentado por Piaget, anos depois, em razão da morte prematura de Vygotsky aos 38 anos (RABELLO, E.T.; PASSOS, J. S., acesso em 08 de mar. de 2011). Muito embora, Vygostky tenha realizado uma leitura crítica das teorias defendidas por Piaget, contrapondo-o em questões de relevância, sem negar, entretanto a importante contribuição dos estudos realizados por Piaget na área do desenvolvimento humano. Vygotsky acreditava numa sociedade mais justa, sem conflito social e exploração.

Em seu estudo, Vygotsky dá ênfase à importância da interação social como fator preponderante do desenvolvimento humano, além de destacar a importância dessa interação para a aquisição do conhecimento: para Vygotsky o ser humano, desenvolve-se à medida que interage com o meio social em todos os sentidos e com outros sujeitos inseridos neste meio, para ele é por meio dessa relação interpessoal, que o conhecimento é construído, destaca também a importância da mediação de outras pessoas no processo de construção do conhecimento. Portanto, segundo essa teoria o ser humano se desenvolve tanto a questão biológica quanto a intelectual, por meio da maturação.

Para o interacionismo vygotskyano o desenvolvimento humano, não apenas estuda do comportamento infantil, mas a trajetória do indivíduo marcado pela herança que recebe dos pais e também por toda experiência que vivencia ao longo da sua vida (KELMAN, 2010).

Nesta mesma perspectiva, vemos que a aprendizagem está interligada aos conceitos básicos dos estudos realizados por Vygotsky, que são: mediação, intervenção de outras pessoas no processo de construção do conhecimento, com professores e alunos mais competentes, pensamento e linguagem, na questão da internalização, processo fundamental para o desenvolvimento psicológico humano, que resulta no processo interpessoal, que se torna intrapessoal, onde a aprendizagem se contrói no constante diálogo entre o exterior e o interior do indivíduo, expressa por meio da linguagem, na troca de diferentes saberes (KELMAN, 2010).

Destaca-se ainda nessa teoria, dois níveis de desenvolvimento: o real e o potencial. No desenvolvimento real a criança é capaz de realizar tarefas simples sem ajuda, e no nível potencial, ela é capaz de realizar tarefas mais complexas orientadas e com ajuda de adultos ou pares mais competentes. Para Vygotsky, o desenvolvimento intelectual é caracterizado por saltos qualitativos de um conhecimento para outro. Para explicar o processo desenvolveu o conceito da zona de desenvolvimento proximal - pequena lacuna existente entre o desenvolvimento real e o potencial, isto é, o nível de entendimento está próximo, mas ainda não foi alcançado, para isso necessita da intervenção, o que autor chama de processo de mediação, daí a importância do relacionamento do homem com o seu meio social e cultural. (ARGENTO, acesso em 08 de março 2011).

Fundamentados nestes pressupostos, podemos afirmar que qualquer ser humano é capaz de aprender, e ou, está apto a qualquer tipo de aprendizagem, ou seja, todos têm capacidade de aprender independente de suas diferenças ou limitações. Não somente nas classes de ensino regular, mas também numa escola de artes, dependendo tão somente da concepção de mundo, e de homem, bem como da postura ética e profissional e também do conhecimento científico dos profissionais em relação ao desenvolvimento humano e de como se processa a aquisição do conhecimento na perspectiva sócio-histórica.

1.1 Uma breve revisão do conceito inclusão escolar

O conceito de inclusão escolar assumido pelo Ministério da Educação por meio da Secretaria de Educação Especial, no Programa de Educação Inclusiva: Direito à diversidade (2004), apresenta como meta principal:

Assegurar a todos a igualdade de condições para o acesso e a permanência na escola, sem qualquer tipo de discriminação, princípio este que está em nossa Constituição desde 1988, mas que ainda não se tornou realidade para milhares de crianças e jovens: meninas e adolescentes que apresentam necessidades educacionais especiais, vinculadas ou não a deficiências (ARANHA, 2004. p. 3).

A inclusão escolar nesta perspectiva pressupõe mudanças de paradigma na base educacional, pois as diferenças culturais, sociais, étnicas, religiosas e de gênero, constante da complexa diversidade humana, precisa ser desvelada, através de rupturas, para que possamos ampliar e melhor compreender a nossa visão de mundo em seu contexto sócio-cultural, efetivando assim esse modelo de inclusão escolar proposto. A LDB no título II, Art. II e III, objetivaram equidade no direito à escola — dela permanecer — para todos (crianças, adolescentes, jovens e adultos).

Sob este aspecto, a inclusão ganhou força com a Declaração de Salamanca (Espanha, 1994) que tem como princípio básico, o reconhecimento das escolas, frente às diversas necessidades dos alunos, buscando atender sua necessidade garantindo assim uma educação de qualidade, que lhes proporcione aprendizagem por meio de currículo adequado e promova modificações nas organizações escolares, proponha novas estratégias de ensino e uso de recursos diferenciados, dentre eles a qualificação profissional do professor (UNESCO apud MENDES, 2002).

Em consonância com as políticas públicas vigentes, Mantoan destaca o ato de incluir como sendo a nossa capacidade de entender e reconhecer o outro e, assim, ter o privilégio de conviver e compartilhar com pessoas diferentes de nós.

A educação inclusiva acolhe todas as pessoas, sem exceção. É para o estudante com deficiência física, para os que têm comprometimento mental, para os superdotados, para todas as minorias e para a criança que é discriminada por qualquer outro motivo. Costumo dizer que estar junto é se aglomerar no cinema, no ônibus e até na sala de aula com pessoas que não conhecemos. Já inclusão é estar com, é interagir com o outro (MANTOAN, 2005, acesso em 08 de março de 2011).

A partir da proposta educacional de Paulo Freire (2008), é possível observar que a experiência dialógica é fundamental para a construção da curiosidade epistemológica. Ele

explica o processo ensino-aprendizagem como sendo um ato dialógico, como exemplo disto, a proposta educacional freiriana é conhecida como “pedagogia da comunicação”. Este pensamento traduz o mundo das relações humanas, como mundo das comunicações. Ressalta a importância do convívio com o outro, como ser social, que ensina e aprende ao mesmo tempo. Essa é a relação dialógica preconizada por Freire, que dá sentido a busca de uma educação inclusiva, com mais justiça social, através do diálogo inclusivo na formação do sujeito enquanto cidadão, essa é a reflexão-ação proposta por uma educação transformadora.

1.2 A inclusão na dança-educação

Marques (2007) sugere que, ao pensar na dança – educação no espaço da escola, enquanto elemento de inclusão que possa refletir na realidade sócio-cultural dos alunos, e a partir dessas informações, possamos propor um ensino de forma mais consciente, considerando a pluralidade cultural.

Neste sentido para a autora, a dança – educação promove a integração dos processos criativos, interativos e interpretativos da dança, seja de forma individual ou coletiva, onde todos possam cooperar na produção dos saberes e dos conhecimentos. A dança passa ser um elemento que propicia a aceitação, a valorização, nessa experiência entre diferentes corpos, que criam diferentes danças. Rompendo com os padrões sociais, que impõe um corpo perfeito, para expressar e se comunicar, essa é a concepção de Marques, no que se refere à inclusão dos deficientes nas aulas de dança.

João Francisco Duarte Jr. (1988), citado ainda por Marques (2007, p. 25)

[...] também argumenta que através da arte o homem encontra sentidos que não podem se dar de outra maneira senão por ela própria, ou seja, o sentimento e a emoção contidos nas artes permitem-nos dar/criar significados àquilo que vivemos sem intermediação da linguagem falada, ou das experiências refletidas. Para o autor, a arte não diz, mostra, e, por isto, sua importância no mundo que queremos hoje: ela nos permite exprimir aquilo que sentimos e queremos.

“Neste caso, se dança é primordialmente feita de sentimento e emoção, por que ensinar dança?” (MARQUES, 2007, p. 25).

Louis Arnaud Reid distingue em seus trabalhos (1981, 1986) dois tipos de sentimentos: o sentimento afetivo, associado às vivências/descargas emocionais, e o sentimento cognitivo (do inglês "cognitive feeling"), como qual a dança,

enquanto forma de conhecimento e disciplina escolar, estaria mais engajada. Ou seja, muito mais do que "auto expressar-se", "desanuviar tensões", "sentir o íntimo da alma", tal qual defendem muitos dançarinos (as) e professores (as) de dança que a associam às emoções, o conhecimento direto da dança (a vivência prática) permite um tipo diferenciado de percepção, discriminação e crítica tanto da dança quanto de suas relações conosco mesmos e com o mundo (MARQUES, 2007, p. 25).

As reflexões apresentadas por Marques (2007) estão baseadas também nos estudos realizados por Rudolf Laban (Hungro), bailarino e autor de várias coreografias famosas, formado na escola do balé clássico, que revolucionou a dança e tornou-se crítico do belo estético e perfeccionista, trazendo para seu trabalho suas paixões e lutas interiores e sociais de sua época. Rudolf Laban foi um dos criadores da dança moderno-contemporânea, rompendo com os paradigmas existentes e ultrapassando os conceitos socioculturais de seu tempo.

Expandindo as contribuições da dança à sociedade. Com esse intuito, organizou 'coros de movimento' que reuniam até cerca de mil pessoas, unidas pela movimentação e ritmo coletivos, acompanhadas apenas por instrumentos de percussão. Essa 'dança de massas' misturava pessoas de diferentes etnias, condições sócio econômicas, sexos, tipos físicos, dançarinos profissionais treinados e trabalhadores comuns (GOMES, 2007, p.778, acesso em 15 de março de 2011).

A dança-educação tem por objetivo ajudar o ser humano a achar uma relação corporal com a totalidade de sua existência. Por isso, na dança-educação, não se deve procurar a perfeição ou execução de danças sensacionais, mas a possibilidade de conhecimento, de si mesmo e do outro, nessa relação de interação, que a atividade da dança proporciona ao aluno com ou sem deficiência, cooperando para o desenvolvimento do seu processo de ensino-aprendizagem.

Na mesma linha de pensamento, Santos e Figueiredo (2003) ressaltam que, Laban apresentou suas primeiras bases teóricas no início do século XX. Neste período mesmo que tenhamos superado as expectativas dicotômicas, como por exemplo, a separação do aprendizado intelectual das habilidades criativas, ele continua como um visionário e importante teórico para a dança, em especial para o campo da educação [...]. A expressão artística na escola tem que contribuir para a liberdade, para construção da autonomia e do conhecimento.

Destaca ainda que, devemos prestar atenção em:

Alguns princípios que são necessários, entre eles, a busca pela capacidade de expressar, de verbalizar ou de atuar de forma crítica, sem que nenhuma das potencialidades humanas seja negligenciada ou induzida à submissão. (SANTOS; FIGUEIREDO, 2003, p.108).

Pois, enquanto sujeitos participantes ativos do nosso processo de ensino aprendizagem, somos corresponsáveis com os resultados alcançados, ao longo da nossa formação. Desta forma, a expressão artística por meio da dança como movimento e diferentes formas de expressão corporal permitem o re-significado de si mesmo, do outro, do mundo, assim como possibilita a interação com o outro, o que é fundamental para o processo de inclusão escolar.

Segundo Vygotsky (apud KELMAN, 2010), é nesse processo relacional e interativo, de diferentes convivências socioculturais, na troca de informações, que ocorre a aprendizagem. Sendo assim, no processo de inclusão torna-se imprescindível proporcionar o agrupamento de pessoas com e sem deficiência, no sentido de que essa diversidade venha contribuir com a troca de diferentes saberes, dando oportunidade de gerar novos conhecimentos, por meio da mediação dos conceitos especializados ou não, pois podemos aprender com o professor ou com um colega mais competente um determinado conceito. Neste sentido ninguém aprende sozinho, faz-se necessário relacionar-se com o meio, conforme explica Vygotsky no conceito de zona de desenvolvimento proximal, trata-se de saltos qualitativos, para uma melhor compreensão e aquisição de novos saberes.

1.3 Formação continuada do professor

Pensando na formação continuada de professores na área da dança na perspectiva da inclusão escolar, podemos dizer que a conscientização, tem o poder de desvelar, o que nos parece óbvio, pois estamos diante de uma realidade excludente. Porém, isso pode ser apenas uma posição falsa e intelectual. Neste sentido essa conscientização não pode se dar fora da práxis, ou seja, sem o ato da ação – reflexão. Essa ação da unidade dialética, deve se constituir de maneira permanente, na busca de uma constante transformação, que muda o mundo e caracteriza o homem. Esta questão foi assinalada por Freire (1983), a respeito da importância da formação de professores, na perspectiva da ação-reflexão.

Podemos assim pensar em propor reflexões sobre a formação de profissionais que atuam como professores em uma Escola de Dança, visando à ação-reflexão sobre a prática pedagógica no cotidiano da escola com vistas à inclusão.

A formação continuada deve enfatizar o papel do professor como referência para o aluno, não somente como aquele que transmite conhecimentos específicos de sua área de conhecimento, mas de quem repassa atitudes e valores que irão influenciar na formação desses alunos/bailarinos enquanto cidadãos. Para Mantoan (2005), a formação vai além dos aspectos instrumentais de ensino, pois não podemos deixar de considerar que o professor já possui experiências e conhecimentos, que podem ajudar, no processo de inclusão dos alunos deficientes neste contexto.

Neste caso, o foco dessa formação continuada com vistas à inclusão, deve se dar no desenvolvimento das competências do cotidiano pedagógico, em resolver problemas, avaliando sempre no sentido de esclarecê-los. Pois a ênfase não é o fracasso na construção desses novos saberes, e sim como lidar com esses indicativos, no sentido de tornar-se diferencial para o aluno no processo de ensino-aprendizagem, buscando ainda solução para o acesso a esse tipo de formação, bem como, buscar entender como se faz para garantir a permanência desses alunos com NEE na Escola. Com objetivo de que a inclusão se torne um sonho possível a realizar no espaço destinado a formação de todos os sujeitos que desejam ter acesso aos novos saberes, necessários a sua formação, é preciso investir: na formação dos docentes, com vistas à mudança de postura, a democratização do espaço da escola, no diálogo freiriano, visando à acessibilidade de diferentes alunos no curso de dança. Não apenas no modelo já pré-estabelecido, do corpo escultural e do belo estético, mas no direito legal e do princípio de igualdade, garantidos pela constituição brasileira. Sem deixar de lado a beleza e o privilégio das pessoas tidas como “normais” conviver com as pessoas com NEE.

Neste sentido concordamos com a afirmativa:

A formação continuada é uma das dimensões importantes para a materialização de uma *política global para o profissional da educação*, articulada à formação inicial e a condições de trabalho, salário e carreira, e deve ser entendida como continuidade da formação profissional, proporcionando novas reflexões sobre a ação profissional e novos meios para desenvolver e aprimorar o trabalho pedagógico (ANFOPE, 1998).

Segundo Mantoan (2005), o professor não precisa estar preparado para trabalhar com a deficiência dos alunos, mas precisa ser preparado durante todo o processo de atuação, por meio da ação-reflexão-ação, ou seja, reflexão sobre a sua práxis pedagógica, permanentemente.

Em função da importância que a dança pode ter para o desenvolvimento e a aprendizagem do aluno com NEE, é fundamental que os professores de dança tenham uma

formação que lhes permitam compreender esse aluno e mediar de forma positiva e significativa o processo de inclusão no universo da dança, assim como o processo de integração e interação no grupo onde há prática. Ambos os processos são significativos para a inclusão do aluno na sociedade. Sendo assim, o objetivo principal do trabalho foi compreender quais as necessidades de formação para o professor de dança com base na ação-reflexão no que se refere à inclusão escolar de alunos com NEE em uma escola de dança.

III. OBJETIVOS

Esta pesquisa teve como objetivo principal identificar por meio de observações e diálogos com os professores de dança da unidade de ensino, quais suas concepções acerca da inclusão escolar. Ao identificá-las pretende-se colher dados que possam responder aos questionamentos, objetos dessa pesquisa, no sentido de propiciar reflexões sobre as práticas de inclusão a partir de experiências vivenciadas no contexto da escola.

Ao analisar os dados pretendeu-se fazer comparações entre a discussão, ou seja, teoria e práticas das ações desenvolvidas por esses profissionais, no cotidiano escolar, a relação entre o conhecimento pré-estabelecido e as ações pedagógicas para o desenvolvimento dessa práxis, no que tange a concepções a respeito da inclusão escolar. Neste sentido pretendeu-se ainda, identificar e analisar quais foram as necessidades e a existência da demanda para formação continuada desses profissionais, em relação à inclusão escolar. Estes objetivos desdobraram-se em ações específicas que foram desenvolvidas:

- Observação das práticas exercidas no cotidiano escolar, no que diz respeito à inclusão escolar.
- Análise da forma de acesso dos alunos no curso de dança e os critérios estabelecidos para esse acesso.
- Análise do discurso dos professores em relação à inclusão escolar, comparando-o com a prática, numa relação dialética da práxis pedagógica.
- Identificação da existência e desejo dos professores na formação continuada a respeito da inclusão escolar, frente à política do respeito às diferenças.

O resultado pretendido com essa pesquisa é de levar a uma reflexão das práticas existentes na escola, onde se oferece curso na área da dança para comunidade em geral, com respeito ao acesso de pessoas com deficiência, e que seja considerado a diversidade de modo geral, sobre o direito à igualdade social e participativa de todos os que desejarem incluir-se neste processo de formação. Bem como à elaboração de propostas pedagógicas que privilegiem a prática da inclusão escolar.

IV. METODOLOGIA E MÉTODO

1 CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

Para realização da pesquisa, escolhe-se o método qualitativo a ser utilizado como norteador do processo e que possa embasar teoricamente o estudo a ser realizado. Em uma pesquisa dessa natureza dar-se a prioridade a visão qualitativa, neste sentido o método participante se desenvolve a partir da interação entre pesquisador e membros das situações investigadas. Segundo Godoy (1995, p. 21), é pela visão qualitativa que “um fenômeno pode ser melhor compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte integrante, permitindo captar o fenômeno em estudo a partir da visão das pessoas nele envolvidas”, que neste caso são os alunos e professores dos cursos de dança de uma Escola na Capital do ES. Zanella (2006, p. 59) também afirma que “[...] a abordagem qualitativa ou pesquisa qualitativa trabalha com dados qualitativos, com informações expressas nas palavras orais e escritas, em pinturas, em objetos, fotografias, desenhos, filmes, etc. A coleta e análise não são expressas em números [...]”.

A presente pesquisa é de natureza qualitativa, por ser a que melhor se adequa à análise do desenvolvimento humano, e das concepções que os sujeitos têm sobre sua própria prática, em um contexto específico.

O processo investigativo, aqui descrito, foi construído por meio da observação, no contexto sociocultural dos sujeitos, com a participação efetiva dos professores e dos alunos envolvidos como objeto da pesquisa.

Essa interação é que produz o conhecimento, pois durante o processo de observação existe diálogo entre o investigador e o investigado, nessa troca de informações e interatividade, é que são construídas as hipóteses, que darão sentido aos resultados obtidos durante a investigação. Por meio da entrevista semi estruturada, que direciona a construção desse diálogo, preservando a concepção conceitual dos envolvidos a respeito do tema pesquisado, onde, pode se construir ou re-construir conceitos, quebrando ou não os paradigmas pré-estabelecidos, a respeito do que se pretende analisar, a partir das idéias produzidas pelo coletivo, as autoras abaixo nos afirmam que:

[...] a investigação nas ciências humanas é um processo de comunicação entre investigadores e investigados, um diálogo permanente que toma diferentes formas no curso deste processo, uma vez que eles são sujeitos interativos, motivados e intencionais que assumem posições frente às tarefas que enfrenta. (MACIEL; RAPOSO, 2010, p.85).

Portanto, numa pesquisa onde lidamos com diferentes saberes e supostas concepções cristalizadas a respeito da inclusão escolar, no espaço pré-estabelecido para o exercício da aprendizagem como uma escola, entender como os sujeitos envolvidos nesse processo de ensino-aprendizagem concebem e lidam com a inclusão no espaço escolar, só será possível por meio do diálogo proporcionado pela metodologia de pesquisa qualitativa, que possibilita essa troca de informações. A participação ativa do investigador e investigados como co-participantes desse processo de investigação também é fundamental.

2 MÉTODO

2.1 Participantes

A pesquisa foi constituída por amostragem em três grupos distintos, o primeiro formado por professores de dança, o segundo por alunos de oficina de dança, e o terceiro grupo é formado por alunos do curso de dança, perfazendo um total de 54 (cinquenta e quatro) participantes. O primeiro grupo o G1 é composto por 06 (seis) professores que atuam na Escola de Dança, sendo que 01 (uma) das professoras, do grupo atua no ensino regular em uma Escola Pública Municipal. Os outros 05 (cinco) profissionais atuam em projetos sociais, academias e ou na Escola de Música da cidade. Sendo que 04 (quatro) desses professores trabalham ou já trabalharam com alunos com NEE. O segundo grupo o G2 é constituído por um conjunto de 30 (trinta) alunos da Oficina de Dança AFRO Brasileira, sendo que um 01 (um) dos alunos tem NEE. O terceiro grupo o G3 é constituído por 14 (quatorze) alunas da Turma do Elementar II, dentre as alunas têm 01 (uma) com indicativos de deficiência Intelectual e TDHA (Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade). Esta Escola está localizada na Capital do Espírito Santo.

A maioria dos participantes do primeiro grupo G1 são do sexo feminino (apenas dois são do sexo masculino). Os participantes têm idades entre 28 a 50 anos, todos os professores possuem curso superior, sendo 03 (três) Bacharéis em Dança, 01 (um) Graduado em Educação Física, 02 (dois) Graduados em Administração de Empresa. Dentre esses há 02 (dois) Mestres em Educação, 01 (um) Especializado em Dança e os demais professores com cursos de Qualificação em Dança Clássica e Contemporânea, sendo que 02 (dois) foram alunos da Escola de Dança pesquisada. A média de experiência profissional desses professores com diferentes formações na área da dança está entre 05 (cinco) a 25 (vinte e cinco) anos.

No segundo grupo, o G2, a maioria é constituída de pessoas do sexo feminino que são 29 (vinte e nove), apenas 01 (um) do sexo masculino, o aluno com NEE. A faixa etária desse grupo varia entre 20 (vinte) a 35 (trinta e cinco) anos. São oriundos das comunidades locais. Já o terceiro grupo, o G3 é composto de 14 (quatorze) pessoas do sexo feminino, na faixa etária de 11 (onze) e 12 (doze) anos. Da turma do Curso de Dança – Elementar II.

São alunas da Rede Municipal e Estadual de Ensino, oriundas das comunidades locais e adjacentes.

2.2 Equipamentos e materiais

O material utilizado para realização da pesquisa constitui-se de:

1-Documento de anuência da Universidade, elaborado e entregue à escola solicitando a autorização da Gerente para o estudo;

2-Termo de consentimento livre e esclarecido: documento apresentado aos participantes e por eles assinado, declarando ter recebido informação sobre o propósito do estudo (Anexo A);

3-Ficha de dados dos participantes (professores) com 07 (sete) questões, por meio da qual foi possível obter informações sobre sua idade, sexo e grau de escolaridade, e experiência com alunos NEE (Apêndice A).

4-Roteiro de Entrevista do Tipo Grupo Focal, com oito questões abertas, aplicadas ao grupo de professores, por meio do qual foi possível obter informações a respeito do tema de estudo da pesquisa que é a concepção de inclusão escolar por parte dos professores de dança, e se existe necessidade de formação de professores de dança para inclusão escolar (Apêndice B).

5-Gravador para registro em áudio, entrevista tipo grupo focal, fichas de observação in loco, ficha de dados pessoais dos professores e diário de bordo.

O gravador foi utilizado na realização da entrevista tipo grupo focal, facilitou a coleta de informações, pois durante um diálogo em grupo torna-se difícil fazer somente anotações. As fichas de observação in loco, para o registro no cotidiano das observações nos espaços da escola, sala de aula, encontro com professores e outros momentos que foram necessários fazer anotações. Todos os formulários utilizados foram necessários para garantir os registros, e para melhor condução do processo de realização da pesquisa. Os arquivos com o material utilizado foram organizados de forma a facilitar a recuperação das informações.

2.3 Local de realização da pesquisa

O espaço escolhido para a realização da pesquisa é uma Escola, que oferece Cursos na área do Teatro e da Dança, está localizada no Centro da Capital do ES, trata-se de um prédio histórico, patrimônio tombado, com construção datada de 1926. Tem dois pavimentos, com 10 salas de aulas com 54m², cada sala está equipada com espelho que encobre uma das paredes, piso de madeira coberto com linóleo (revestimento apropriado para uso da sapatilha), contém grandes janelas, que proporciona boa luminosidade e ventilação natural, as salas contêm barras de ferro para realização dos exercícios de dança. Este espaço abriga temporariamente uma Biblioteca Pública, além de conter um Mini Teatro para as apresentações culturais, com capacidade para 120 lugares, um camarim, um Centro de Documentação, com bibliografias específicas dos cursos de Teatro e Dança, vídeos e DVDs como recursos pedagógicos e suporte acadêmico, uma secretaria escolar e salas onde funcionam as coordenações dos cursos, gerência e coordenação pedagógica.

Trata-se de um espaço adequado a realização dos cursos e, ainda na área externa com visão para duas ruas, tem uma arena para apresentações ao ar livre. São ofertados semestralmente cerca de 60 Oficinas na área do Teatro e da Dança nos finais de semana envolvendo aproximadamente 200 pessoas com idade entre 07 a 85 anos, e nos Cursos cerca de 150 alunos, com idades de 07 a 35 anos. A equipe técnica é composta de 31 profissionais entre professores, técnicos administrativos e coordenadores. Devido à grande demanda e pouca oferta são realizados processos seletivos nos meses de julho e janeiro, para ingresso. Por se tratar de um espaço público, de produção do conhecimento artístico, e receber alunos oriundos das Escolas Públicas do Ensino Fundamental de diversas regiões, por entender que o processo de construção do conhecimento pode se dar em diferentes espaços, nossa proposta é verificar como se processa a questão da inclusão escolar, e se existe necessidade de formação dos professores dessa instituição em inclusão escolar.

2.4 Instrumentos de construção de dados

Optamos pelo uso da observação direta como recurso de aproximação etnográfica ao objeto e contexto de estudo, bem como técnica para obter informações sobre a dinâmica das interações sociais, as quais constituem um foco de análise fundamental quando se pretende estudar e analisar questões relativas às práticas inclusivas sócio culturais.

Para construção dos dados utilizou-se um roteiro de entrevista semi-estruturada do tipo grupo focal, com perguntas pertinentes às questões relacionadas com o objeto de estudo.

2.5 Procedimentos de Construção de Dados

2.5.1 Fases da pesquisa

No primeiro momento foi feito contato com a Gerente da Escola, com vista a solicitação para realização da pesquisa na instituição. No segundo momento contato com os professores com vistas ao convite de participação na pesquisa e autorização para observações nas atividades da sala de aula.

Após parecer favorável, entrou-se em contato com os participantes no próprio espaço da Escola, para explicações relativas ao objetivo da pesquisa, e apresentar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e as fichas com os Dados dos Participantes. Após esclarecimentos relacionados aos objetivos da pesquisa, e acordo dos mesmos em participar do processo de investigação, foi entregue o termo de consentimento e a ficha para assinatura e preenchimento dos dados dos participantes.

No terceiro momento organizou-se um cronograma para participação nas atividades cotidianas das turmas escolhidas para realização da pesquisa, que teve como critério a presença de alunos com NEE nessas turmas. Uma vez que o foco da pesquisa foi identificar as concepções de inclusão escolar por parte dos professores e verificar se há

necessidade de formação dos professores para inclusão escolar em dança. Segue Quadro 1 com as informações sobre as atividades de pesquisa.

DATA	ATIVIDADES REALIZADAS NA ESCOLA
03/09/2010	Participação no grupo de estudos dos professores, para explicações sobre os objetivos da pesquisa. Informar sobre o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e Ficha de Dados do participante.
10/09/2010	Participação no grupo de estudos dos professores. Planejamento das observações nas turmas, elaboração da agenda de visitas.
17/09/2010	Participação no grupo de estudos dos professores, planejamento e acompanhamento de um Evento realizado anualmente pela Escola II Mostra Primavera de Dança – 27 a 30 de setembro.
22/09/2010	Participação das atividades preparativas para mostra de dança da escola, observando as ações na turma pesquisada do (G2). Registro em ficha de observação.
27/09/2010	Participação para observação na apresentação dos alunos do G2, na Mostra de Dança. Registro em ficha de observação.
01/10/2010	Participação do grupo de estudos dos professores, realização da primeira entrevista Tipo Grupo Focal, com os professores, tema concepção de inclusão, visão no ambiente escolar. A partir das atividades realizados na II Mostra de Dança da Escola.
18/10/2010	Participação da Avaliação – Prova de Banca da turma do G2. Aula orientada pela professora e avaliada por 03 outros professores.
29/10/2010	Participação do Conselho de Classe da turma do G2.
06/11/2010	Participação da Oficina de Dança AFRO Brasileira G3, observações do grupo em aula. Registro em ficha própria. Contato também com o pai do aluno com NEE
20/11/2010	Participação de atividade desenvolvida pelo G3, alusivo ao dia da Consciência Negra, na praça próximo à Escola. Observações em ficha própria.
03/12/2010	Participação para observação do G3 – aula na oficina de Dança AFRO Brasileira. Entrevista com o aluno com NEE.
08/12/2010	Entrega das fichas de dados e do Termo de consentimento para os professores.
10/12/2010	Participação do grupo de estudos dos professores, realização da entrevista tipo grupo focal, seguindo o roteiro de entrevista, com todos os professores envolvidos. Gravação em áudio.
17/12/2010	Participação da atividade de encerramento do ano letivo da escola, apresentação dos alunos do G2. Observação dos resultados acompanhados.
18/12/2010	Participação do encerramento das atividades do G3 na arena da Escola. Observação do grupo e dos resultados alcançados neste coletivo.

QUADRO 1 – ATIVIDADES DE PESQUISA REALIZADAS NA ESCOLA

Fonte: Diário de bordo da autora.

A escolha da Instituição pesquisada se deu pelo fato de ser um espaço de ensino e aprendizagem por meio da arte, e pelo fato dessa escola pensar na formação do aluno enquanto cidadão e sujeito da construção do seu próprio conhecimento, sendo referência na cidade. O foco da pesquisa foi verificar a necessidade da formação de professores de dança em inclusão escolar e a inclusão de alunos com Necessidades Especiais de Ensino por meio

da dança. Nesse contexto diferenciado de produção de conhecimento e interação na área da dança. Outro fato que nos motiva, é de ser uma nova experiência que temos vivenciado profissionalmente.

Há cerca de três anos fazemos parte da equipe técnica da escola de dança atuando na área do acompanhamento pedagógico da instituição, junto a professores, pais e alunos. Neste sentido os profissionais e alunos participantes, são pessoas que fazem parte do cotidiano da escola e da minha vida profissional.

Como a pesquisa foi realizada por meio de entrevista do tipo focal, em nossos encontros de planejamentos semanais, aconteceram momentos para realização e esclarecimentos a respeito dos instrumentos utilizados e coletas de dados, ao longo do semestre. Perfazendo um total de (06) seis encontros mais específicos para informações e coletas de dados. Esses procedimentos serão explicitados posteriormente.

2.6 Procedimentos de análise de dados

De posse das fichas de dados do participante, e após a transcrição do áudio das entrevistas do tipo grupo focal, o próximo passo foi caracterizar os voluntários segundo os critérios de escolha para realização da pesquisa, a saber: professores de dança com ou sem experiência em inclusão escolar, mas que recebem em suas turmas, alunos com Necessidades Educativas Especiais. Durante a entrevista no grupo de professores constatei a existência de duas professoras, uma que atua no curso de dança das turmas iniciais, que relata sobre a dificuldade de aprendizagem, concentração e de socialização de uma determinada aluna. A segunda professora relata a sua experiência de trabalhar com um jovem com síndrome de down, na oficina de dança AFRO. Optei por envolver essas duas professoras no processo de investigação, bem como os alunos em questão, após transcrever a entrevista do grupo na íntegra. Neste caso, segui o critério estabelecido no projeto de pesquisa que tem como objetivo verificar qual a concepção de inclusão escolar dos professores e se há necessidade de formação em inclusão escolar para esses profissionais da dança. Fazer essa verificação junto aos profissionais que estão atuando no processo de inclusão de alunos com NEE.

Para atingir esses objetivos, realizei observações in loco, e diálogo com os alunos e seus responsáveis, bem como observei as professoras no espaço de suas práticas (sala de aula).

Os registros das observações e dos diálogos com os envolvidos foram realizados em ficha própria. A gravação da entrevista em grupo foi transcrita. Tais registros foram confrontados em relação a teoria e a prática, relativas à inclusão escolar de alunos com NEE nesta escola de dança.

Para realizar a análise das observações diretas, primeiro realizamos uma leitura e análise preliminar de todos os registros de observações realizadas, e selecionamos trechos de observações com dados/informações importantes para os objetivos da pesquisa. Selecionamos especificamente observações que permitiram analisar a ação dos profissionais e a interação deles com os alunos, e chegar à conclusões sobre a atuação em relação à inclusão escolar e o atendimento dos alunos com NEE.

Após a seleção dos dois já citados, transcrevemos as falas para o protocolo de registro e análise das observações. Realizamos uma análise interpretativa geral dos registros, procurando abranger as especificidades comunicativas das interações, dentro das possibilidades que a observação naturalística direta oferece.

Para a análise das observações selecionamos 2 ou 3 trechos, correspondentes as seguintes atividades realizadas:

- Composição coreográfica para participação na Mostra de Dança
- Mostra de Dança
- Oficina de Dança AFRO

Para análise da entrevista foi estabelecida categorias de análise a partir dos objetivos da pesquisa e do roteiro de entrevista, após foi realizado uma análise interpretativa das falas dos entrevistados a partir das categorias estabelecidas. As categorias de análise foram: inclusão escolar, relatos de experiências em inclusão, inclusão por meio da dança, desafios da inclusão escolar, necessidade de formação do professor.

V. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para obter informações sobre a visão de inclusão escolar dos educadores, assim como sobre os desafios e necessidades de formação dos mesmos em relação ao tema, foi realizada uma entrevista do tipo grupo focal e realizado três momentos de observações, com profissionais de formação diferenciada e com experiência de 6 meses a 25 anos no ensino de dança, conforme explicitado em quadro a seguir:

Há quanto tempo trabalha como professor (a) de dança?	P1 - 8 anos P2 - 5 anos P3 - 20 anos P4 - 22 anos P5 - 1 anos P-6 - 25 anos
Há quanto tempo trabalha nesta escola?	P1 - 5 anos P2 - 6 meses P3 - 6 meses P4 - 16 anos P5 - 2 meses P - 6 meses
Qual a sua formação?	P1 - Licenciatura em Ciências Biológicas P2 - Graduada em Administração de Empresa P3 - Licenciatura em Educação Física P4 - Licenciatura em Dança P5 - Licenciatura em Dança P6 - Graduada em Administração de Empresa

QUADRO 2 – DADOS DOS PARTICIPANTES

Fonte: Ficha de dados dos participantes

1 ANÁLISE INTERPRETATIVA DA ENTREVISTA

A realização da entrevista, foi orientada por um roteiro pré-estruturado, com perguntas semi-abertas para um grupo de seis (06) professores, dois (02) dentre os seis professores da escola pesquisada, tinham em suas turmas alunos com NEE. Após essa comunicação, fomos observar no ambiente da sala de aula dessas professoras, onde identificamos um aluno com síndrome de Down e uma aluna com indicativos de deficiência Intelectual e TDHA.

1.1 Inclusão escolar

Durante a entrevista do tipo grupo focal, questionados sobre o conceito de inclusão escolar. A maioria dos professores demonstraram ter uma visão ampla sobre o tema, dizendo que excluídos são todos os sujeitos que estão fora de um determinado sistema, não somente corporalmente, mas que não seja visto dentro de um determinado sistema. Neste caso foram considerados os aspectos: escolar, de gênero, de raça, de classe social, religião e da localização geográfica. Um dos entrevistados que trabalha na área da educação com formação em dança há 22 anos, afirma que a inclusão não acontece como deveria acontecer, vejamos:

P4- “Eu acho que é uma coisa que não acontece, pois existem muitas separações e a inclusão deveria acabar com as separações, tanto na questão de gênero, raça, de classe social, de localização geográfica, todas essas questões impedem a prática da inclusão, ou seja, que todos possam dialogar no mesmo patamar”.

1.2 Relatos de experiências em inclusão

Questionados a respeito de se ter experiências em trabalhar com pessoas com NEE, a maioria dos professores afirmam que já tiveram ou estão tendo experiência em trabalhar com esse grupo de alunos, e alguns relatam essas experiências:

P1 diz: - Eu sempre fiz a opção de trabalhar em instituição pública, já fui convidado para trabalhar em academia, mas a instituição particular é um espaço seletivo, que não privilegia a inclusão... Quando se fala de dança, não podemos esquecer que ela exclui, mas que qualquer outra coisa. E no espaço público as pessoas têm mais oportunidades, por ser menos seletivo. Uma experiência muito bacana de inclusão é o grupo NegraÔ, sendo um espaço aberto, quem chega e quer fazer dança faz, não existe uma seleção, todos podem participar qualquer corpo, qualquer idade, é uma excelente experiência de inclusão.

P2 – Não tenho experiência e nem muito conhecimento sobre o assunto, penso que inclusão de modo geral é aceitar o outro com suas limitações e ajudá-los para que supere. Penso que tenho tentado fazer isso, no dia- a- dia.

P3 diz: Já trabalhei como voluntário dois anos em uma escola com dança para pessoas cegas, havia momentos que eu não sabia o que fazer, aprendia junto com eles, organizamos um grupo de dança AFRO. Também trabalhei por 15 anos na APAE, com dança.

P4-Tive uma disciplina na faculdade que possibilitou ter experiência com inclusão, recebíamos orientação para atuar em escolas que buscavam a inclusão por meio da dança, e também aplicávamos esses conhecimentos na APAE. Outra experiência que tive na faculdade foi a oportunidade de realizar uma pesquisa numa comunidade Quilombola, com objetivo de resgatar a cultura desse povo, antes de oferecer uma oficina de dança.

Pelo exposto fica evidente que, esses profissionais tiveram experiências significativas em relação à prática em inclusão.

1.3 Inclusão por meio da dança

Quando questionados a respeito da possibilidade de ser fazer inclusão por meio da dança, no sentido dessa atividade favorecer o processo de inclusão de pessoas com NEE, todos os professores são unânimes em afirmar que a dança pode auxiliar no processo de inclusão de qualquer pessoa, uma das professoras entrevistada afirma que:

P2 – “Sim. Amo a dança e penso que ela pode ajudar, muito no desenvolvimento de qualquer criança, com ou sem NEE”.

Já para P3 é uma constatação, considerando a experiência por ela vivenciada, neste sentido diz:

P3 - “Não tenho a menor dúvida. A dança faz bem para qualquer pessoa, com ou sem deficiência. A dança faz bem para alma. A dança em si, já promove a inclusão. Para mim está comprovado, não como possibilidades, mas é fato. Minha experiência comprova isso. Sim, o curso do contemporâneo e oficinas dá mais abertura, pois o balé é muito excludente. Penso que a escola tem que dá mais oportunidade, assim estaremos incluindo mais pessoas na Escola. Essa participação deve ser natural e quando tivermos mais pessoas com NEE matriculadas nas diferentes turmas , vamos ver que isso, sim, é “normal”.

1.4 Desafios da inclusão escolar

Questionados a respeito do desafio da inclusão escolar, a maioria dos professores, afirma que, uma das grandes dificuldades está ligada a falta de informação dos profissionais a respeito desse assunto. Outra questão é a falta de investimento por parte dos gestores em relação à acessibilidade, e de políticas públicas que garanta o direito de igualdade para formação das pessoas com NEE. Destacamos dois relatos que nos confirma esse pensamento, que reflete no sentimento e entendimento do grupo de professores:

P2 – “Nesta escola creio que seja vencer o preconceito, a falta de informações sobre o assunto e falta de acessibilidade. Esse prédio não dá a menor condição para esse grupo de pessoas. E formação para os professores”.

P3 – “Para mim é investimento na formação do profissional, pois a dança é muito excludente, ela é para quem tem corpo bonito, visão, etc. Essa é a formação que recebemos, então esse investimento na formação do profissional é fundamental para mudança de mentalidade desse professor, que deve acontecer de forma contínua e permanente. Esse é para mim um grande desafio, da inclusão escolar”.

1.5 Necessidade de formação do professor

Esse grupo de professores se posicionam de forma favorável a formação continuada, considerando ser fator preponderante para o sucesso de qualquer projeto educacional. Afirmam que a questão do preconceito e da falta de conhecimento a respeito das diferentes deficiências e ou necessidades físicas e intelectuais, serão vencidas a partir de investimentos na formação continuada dos professores. Fica exposto na afirmativa de um dos participantes.

P3 – “Claro. Penso que esse debate, com base teórica é fundamental para melhoria da nossa prática sem contar a troca de experiências de forma contínua. A formação não deve se resumida em encontros de 40h, mas sim numa discussão permanente de confronto entre a teoria e a prática de forma contextualizada”.

2 ANÁLISE DAS OBSERVAÇÕES DIRETAS

Vamos verificar o que acontece no ambiente da sala de aula das duas professoras, onde foram incluídos alunos com NEE.

ATIVIDADES: Composição coreográfica para participação/Mostra de Dança

TEMPO: 8h às 9h (tempo de duração de uma aula)

Na turma de P2 aconteceram dois momentos de observações. No primeiro momento o grupo de alunos sob orientação da professora estava se organizando para elaboração de uma coreografia, que seria apresentada em uma Mostra de Dança organizada pela Escola.

Durante esse momento de observação, prestamos atenção no movimento do grupo e o relacionamento do mesmo com a aluna B. No início da aula a professora está sentada em uma cadeira, fazendo a chamada, a seguir conversa com as alunas a respeito da atividade proposta para aquele momento. As alunas presentes estavam todas sentadas no chão coberto com linóleo (em círculo), prestando atenção nas orientações passadas pela professora. Porém B, ainda que sentada e em silêncio parecia estar distante, seus movimentos com a cabeça davam a entender que não havia compreendido o que iria acontecer, permanecia calada, com olhar perdido. A professora não percebe B neste contexto, ou se percebe não faz intervenção. Pergunta ao grupo, se elas, as alunas, já escolheram a música para montagem da coreografia, e, continuando o diálogo, pergunta se todos estariam participando. Neste momento B se levanta, e diz que escolheu uma música da Xuxa (todos caem na risada) inclusive P2. Mas, B insiste, diz que gostaria de mostrar uns dos passos, que ela já sabe fazer. P2 orienta a respeito do tipo de música que elas irão apresentar, devem escolher uma música clássica, moderna, diz ainda que a música sugerida por B é popular, e não consta no programa sugerido no regulamento da Mostra. B continua parecer não entender o que está se passando, demonstrando um pouco de irritação.

As alunas, levantam-se e vão para um canto da sala. B permanece sentada, P2 incentiva B a levantar-se e ir participar. B, com olhar confuso, de quem não está entendendo o que é para fazer, levanta e vai ao encontro do grupo de alunas, que estão no canto da sala, conversando animadamente. Ao chegar no grupo, B tenta falar, mas é impedida por uma colega que lidera o grupo. Neste momento B se afasta, vai reclamar com a professora, que pede a B, para ter calma, e que ela, P2 vai ajudá-la, P2 chama atenção do

grupo, diz que B também deve participar. O grupo se manifesta contrário, diz que B não vai conseguir fazer a coreografia que elas estão criando, dizem ainda que B é lenta, e não presta atenção em nada, e que na hora da apresentação, a aluna B, vai errar os passos, e pode estragar tudo. Diante da manifestação do grupo, a professora chama B para conversar. Propõe montar um solo para B e/ou conseguir outro grupo para B participar, numa outra turma. Apesar de triste, B, parece concordar com a solução apresentada por P2.

Neste primeiro episódio, percebemos que por mais que a professora em questão tenha boa vontade, buscando solução para incluir B na atividade da escola, ela não conseguiu incluí-la no grupo no qual B é participante. P2 não fez intervenção com as demais alunas do grupo, em relação ao julgamento que as mesmas apresentam a respeito das dificuldades, neste caso de B. Assim como na escola regular, nesta escola de dança, B não está no nível correspondente com sua idade, hoje, com 11 anos na 4º ano do Ensino Fundamental.

P2 relata que não tem facilidade para perceber quando uma criança tem algum tipo de “problema”, mas pelo fato de estar trabalhado com B há um semestre, garante que B tem dificuldades para aprender, e que está sempre “fora do ar”, meio distante, sem sintonia com o grupo, perde o tempo da música (não tem ritmo). No conjunto, B é um “desastre” segundo P2, diz ainda que o relacionamento de B com o grupo não é muito bom, mas que B é uma aluna assídua, e atende as orientações de P2, ou seja, B não dá trabalho, apenas é “diferente”.

A aluna em questão tem um histórico de abandono, mora em um lar social (abrigo, juntamente com outras meninas de igual condição). Porém, B conta com apoio de uma madrinha (pessoa que assumiu ajudá-la), mas não adota oficialmente, a criança permanece no abrigo, recebe atenção especial, como: ajuda nos estudos, atividades extraclasse, acompanhamento na escola, passeios nos fins de semana, presentes, viagens em datas especiais, etc. Em conversa informal com a madrinha de B, ela disse que B tem dificuldades de aprendizagem, mas como professora, ajuda B nas tarefas escolares, leva B ao psicólogo e ao médico (neurologista), e que B faz tratamento, informa que não tem um diagnóstico preciso, diz que B tem avançado bastante principalmente nos estudos, mas que ainda percebe que B tem muita dificuldade de aprendizagem e de relacionamento com outras crianças do abrigo e também da escola, diz receber a mesma reclamação, e que às vezes B demora a aceitar limites, no entanto é uma criança boa, sendo que, não tolera provocações, às vezes chega a reagir de forma agressiva em determinadas situações.

No ambiente da escola de dança a inclusão de B é parcial, pois P2 realiza atividades que atende as necessidades específicas de B de forma diferenciada, mas, no entanto não é realizado um trabalho para incluir B no grupo do qual faz parte. Conversando um pouco mais com P2, a respeito de B, ela diz não saber o que B tem, mas percebe que ela não é “normal” e que muitas vezes não sabe o que fazer. Neste primeiro episódio, percebemos que por mais que a professora em questão tenha boa vontade, apesar da falta de experiência, busca solução para incluir B na atividade da escola. Não conseguiu incluí-la no grupo no qual B esta inserida, nem fez intervenção, com as demais alunas do grupo, em relação ao julgamento que as mesmas apresentam a respeito das dificuldades de B.

Apesar da professora ter considerado a dificuldade da aluna, admite ter dificuldades de identificar e de lidar com essa diferença, confirmando que existe necessidade de formação para inclusão escolar. Pois incluir não é estar no mesmo espaço escolar, mas ter condições de permanecer neste espaço com iguais condições de aprendizagem. Para isso são necessárias intervenções que proporcione a interação e integração entre os sujeitos, como garantia de aprendizagem nessa troca de informações. Garantir a permanência do aluno, com qualidade e aprendizagem, não apenas como mais um no grupo, mas como parte integrante desse grupo esse é, e deve ser o diferencial em qualquer processo de inclusão escolar.

O segundo momento de observação nesta turma aconteceu no dia da apresentação da Mostra de Dança. B participou apresentando o solo, que juntas P2 e B criaram a coreografia, enquanto as demais colegas de seu grupo apresentaram a composição coreográfica em conjunto, criadas pelo grupo. Confirmando assim, as ações observadas no primeiro momento.

ATIVIDADE: Aula – Oficina de Dança AFRO

TEMPO: 10h às 12h (tempo de duração de uma aula)

Na oficina de dança AFRO Brasileira ministrada pela professora P3, tive a oportunidade de fazer registro de observações de dois momentos. Vale esclarecer que essa escola oferece curso de Qualificação em Dança (nível pós-médio) abrindo vagas anualmente e oficinas com vagas abertas semestralmente. O aluno P, com síndrome de Down, começou a freqüentar a turma na oficina de Dança AFRO no final de agosto de 2010. Durante a entrevista com o grupo de professores, tomei ciência da participação de P como ouvinte, pois segundo a professora ele chegou à sala de aula já no quarto encontro da turma. Segundo P3 o pai de P, apareceu na escola com o filho e solicitou que ela permitisse que o aluno freqüentasse o curso, ainda que fosse como ouvinte, pois ele gosta muito de dançar. P3, não teve dificuldades para aceitá-lo, disse apenas, que teria que comunicar ao coordenador do curso para ver como a escola iria proceder em relação à oferta do certificado caso P, ficasse até ao final do semestre. Foi dessa forma que um aluno com síndrome de Down foi incluído neste espaço de formação. Segundo P3, o aluno P foi apresentado a ela minutos antes de iniciar a sua quarta aula nessa turma, que acontece aos sábados, no horário das 10h às 12h. O pai de P relatou que ele é um amante da dança, pois já pratica diferentes modalidades há cerca de 9 anos, ele é aluno da APAE ES, já fez diversas viagens com o grupo de dança da Escola, disse ainda que P, já participou do NEGRAÔ, um grupo de dança da cidade, que trabalha a dança AFRO, e a única regra para participar é ter idade mínima de 15 anos e muita disposição para dançar. Mas que neste semestre o filho gostaria de fazer um curso nessa escola, pois acha muito bonita. Hoje P está com 24 anos, gosta de dançar, tem bom ritmo, toca vários instrumentos de percussão, porém não conseguiu aprender a ler, nem escrever, apesar do empenho da família e da escola. Segundo o pai, ele é muito feliz, comunicativo, e se relaciona com facilidade. Disse ainda que a mãe de P é professora há 25 anos, e se dedica ao trabalho de alfabetização nas classes de alunos especiais. P é o primeiro filho do casal, ele tem uma irmã mais nova, casada, e que os dois têm um ótimo relacionamento. E que hoje já aposentado, ele pode se dedicar mais em acompanhar o filho, dando-lhe mais atenção. Neste momento o pai de P, estava aguardando o filho nos corredores da escola, quando tivemos essa conversa informal. Mas disse que, já participou de vários cursos junto com o filho, para motivá-lo.

A professora apresenta P ao grupo, sem dar ênfase a sua deficiência, passa para as alunas a experiência que P tem na área de dança. E que todos devem contribuir para a boa

participação de P no grupo, pois ele como todos do grupo podem contribuir a partir das experiências anteriores. No primeiro momento a professora disse que percebe certo ar de curiosidade, por parte de alguns alunos. Ela inicia a aula de forma natural, prestando atenção nas possibilidades de P, sem se preocupar, deixou bem à vontade. Realmente P, se supera, não dá bola para ninguém, repete os exercícios, conforme suas possibilidades, muito próximo do solicitado pela professora. Quando ele, não entende, pára e observa os colegas e continua a sua participação. Interage com os mesmos, conforme o movimento proposto pela professora, participa das atividades concentrado e demonstra estar feliz. Neste caso a inclusão de P, no grupo, acontece de forma natural, graças a postura da professora, e a forma como P é tratado pela família e pelas colegas do grupo. Pois percebemos, que P ama e é amado, não tem preconceito, sabe respeitar as pessoas e se fazer respeitar. Pois segundo sua professora, quando ela solicita sugestões de novos movimentos, ele é o primeiro a sugerir. A professora afirma que a turma sempre gosta das sugestões apresentadas por P. Sem dúvidas, todos os ventos sopraram a favor da inclusão de P nessa Oficina de dança. A experiência e postura da professora, sua formação, bem como a experiência e maturidade de P a partir da sua formação dentro e fora de casa. O fato de P ter 24 anos, ter frequentado escolas especiais e regulares, ter uma família comprometida com seu desenvolvimento e formação, fez diferença. No caso de P a dança funciona como elemento de prazer e integração, nesse tipo de atividade P interage naturalmente com as demais pessoas e não há comprometimento na aprendizagem. Tudo conspira a favor da felicidade de P, ele tem qualidade de vida. Podemos dizer que se trata de uma história bem sucedida de inclusão nesta escola.

Pois foi exatamente o que presenciei no segundo momento de observação, todo relato da professora se confirma. Antes de iniciar a aula, todos se cumprimentam, trocam informações, se aproximam de P, conversam animadamente. Quando a professora chega à sala, um novo movimento alimenta os cumprimentos e as trocas de informações, antes de iniciar as aulas. Neste caso percebemos que a concepção de inclusão da professora em questão, está coerente com a sua prática, e que na escola existem diferentes concepções a respeito de inclusão escolar.

VI. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos resultados obtidos e após análise e discussão, vou tecer algumas considerações que penso serem pertinentes, tanto em relação à concepção de inclusão escolar verbalizadas pelos professores da escola durante entrevista em grupo, e também, quanto ao indicativo de formação continuada sobre o tema inclusão escolar.

No início desta pesquisa, tive a falsa impressão de que os professores que atuam nesta escola de dança, ministrando aulas nas disciplinas de balé clássico, dança, contemporânea, preparação física, danças populares, musicalização, dança moderna e histórias da dança não tivessem experiência em relação à inclusão de alunos com NEE na escola. Durante a realização da pesquisa, em especial no período de realização da entrevista em grupo, ficou claro não só a experiência da maioria dos professores na área da inclusão, bem como o interesse desses profissionais em discutir e aprofundar no tema sobre inclusão escolar, em especial no âmbito desta escola de dança. É claro que no grupo encontramos professores que estão tendo agora a sua primeira experiência em uma escola de dança, mas já trabalharam, e ou trabalham em academias (relatam ser realidades completamente diferentes), não só no atendimento ao aluno com NEE, mas também em fazer uma primeira reflexão a respeito da inclusão escolar, considerando que estão no início de suas atividades profissionais nessa área. Vemos ainda como desafio para o processo de formação continuada a rotatividade de profissionais nesta escola, pela não existência de um quadro de professores efetivos que favoreça a efetivação e continuidade deste processo.

Fazendo uma análise por esse prisma, podemos dizer que a questão da formação desses profissionais deve ser considerada tanto inicial em relação ao conhecimento, que já trazem consigo, em sua formação acadêmica, quanto na sua formação continuada, ou seja, a partir da reflexão da sua prática pedagógica no contexto da escola. Constatamos que a concepção da maioria dos profissionais que participaram da entrevista, é ampla em relação à inclusão, tanto no que se refere aos aspectos sociais e/ou escolar, necessitando assim de uma discussão focada na inclusão escolar, no contexto da dança, enquanto elemento de inclusão por meio da improvisação e dos processos de composição coreográfica, quanto nos pressupostos teóricos em áreas específicas. Segundo Marques (2007) são esses dois processos na dança, “que permitem aos alunos experimentar, sentir, articular e pensar a

arte como criadores e sujeitos do mundo”, sem deixar de considerar, os demais aspectos relevantes ao processo de inclusão em qualquer ambiente, tais como: gênero, etnias, classes sociais e culturais.

Porém para Perrenoud (2002, p.57), ainda pensando no processo de formação do professor, a prática reflexiva, não é suficiente, mas é condição necessária para se enfrentar a complexidade. Diz ainda, que o “profissional precisa de saberes que não pode reinventar sozinho”. A troca de informações por meio do diálogo, sem dúvida pode proporcionar, melhores condições de reflexão desses profissionais a respeito da sua própria prática. Neste sentido torna-se viável, a proposta de formação continuada no âmbito desta escola, a curto, médio e a longo prazo, que produzam resultados e mudanças significativas na prática pedagógica dos docentes, bem como a quebra de paradigmas em relação à seletividade dos egressos, e que, seja garantida através desse processo formativo, a permanência de alunos com necessidades educativas especiais no processo de formação desta escola de dança.

Há uma percepção apontada por diferentes autores, de que, em qualquer espaço de formação necessita-se de momentos para reflexão sobre as práticas pedagógicas, avaliando e reavaliando no sentido de entender os resultados na busca de novas alternativas, que possibilite avanços significativos no contexto sócio-cultural, bem como no investimento da formação dos discentes, mas também dos docentes. No caso da inclusão escolar é pertinente que haja estudos e reflexões, em especial na área da dança. Visto que, em uma escola de dança as concepções e conceito do belo estético, que muitas vezes carregado de preconceito vem se tornando um instrumento facilitador, para o processo de exclusão de muitos alunos portadores de necessidades educativas especiais.

Durante a entrevista realizada na escola, registramos a fala de um professor que afirma que o balé clássico é uma modalidade de dança excludente. Justamente, por exigir um corpo apropriado ao estilo da dança, ou seja, segundo esse professor de 100 pessoas que iniciam o curso, apenas uma tem a possibilidade de continuar, por ter o físico apropriado ao exercício da dança clássica, e as outras são discriminadas sem ter qualquer tipo de deficiência, contra essa discrepância Marques (2007, p.27) cita Laban (1985) como exemplo do seu esforço profissional na mudança desta prática:

[...] dançarino e coreógrafo conhecido por seu pioneirismo na área dança [...] estava primordialmente interessado em conhecer e em ampliar as possibilidades de expressão humana por meio da arte da dança. Trabalhou durante sua vida formulando uma ciência que chamou de coreologia, ou 'estudo da dança', a 'lógica da dança', as estruturas da linguagem da dança.

Ainda em Marques (2007) encontramos o que a coreologia nos ensina sobre a dança, na verdade é uma articulação entre movimento, dançarino, som e o espaço.

Vale ainda lembrar, mesmo que nosso assunto seja dança na escola e, portanto, menos carregada da tradição da dança em si, que os ideais de corpos para aqueles que dançam (magreza, flexibilidade, juventude) ainda estão muito presentes em nossa sociedade. As aulas de dança podem se tornar um campo de concentração para aqueles que não atendem às expectativas [...] (MARQUES, 2007, p.27).

Imagine vivenciar esta situação em uma escola pública, onde cerca de 100 meninas se inscrevem para o curso de dança nos semestres, após seleção, 40 ingressam no curso de iniciação a dança. Muitas dessas meninas cultivam o sonho de princesa em seu imaginário infantil, pois, chegam à escola para sua primeira aula de dança trajando: sapatilhas, collant, meias e tiara cor de rosas, sonham em tornarem-se bailarinas. Ficam chocadas, quando apresentamos o uniforme básico da cor preta, com exceção da meia e das sapatilhas que são rosa, vejo a decepção em seus olhinhos, como se o castelo cor de rosa começasse a ruir. Por “n” razões, talvez seja impossível transformar esse sonho em realidade. Mas quem sabe, se nos despirmos, do pré-conceito em relação ao ideal almejado, e nos adequarmos à realidade presente, principalmente em relação à inclusão desses diferentes corpos na dança, podemos contribuir para que o sonho de dançar seja real. Em relação a isso, Freire (2008, p.11), nos adverte “para necessidade de assumirmos uma postura vigilante contra todas as práticas de desumanização”. Neste caso, não seria desumano interromper um sonho infantil, sem se quer dar a oportunidade de que se tente realizá-lo? A despeito disto, Freire (2008, p.10) nos orienta que “A competência técnico-científica e o rigor de que o professor não deve abrir mão no desenvolvimento do seu trabalho, não são incompatíveis com a amorosidade necessárias às relações educativas”.

Neste caso torna-se importante ser competente, vivenciar práticas contextualizadas, na busca permanente de sua formação, não impede ao professor de ter atitudes e comportamentos mais humanos em sua práxis. É por meio do diálogo permanente e da troca de experiência entre os pares, no ambiente da formação continuada, desses profissionais na relação dialógica preconizada por Freire, que dá sentido a busca de uma educação inclusiva, com mais justiça social, através do diálogo inclusivo na formação do sujeito enquanto cidadão. Essa é a reflexão-ação proposta por uma educação transformadora que seja capaz de incluir todos de fato e de direito. Pensando ainda na formação continuada desses professores com foco na inclusão, temos que considerar o que nos diz Mantoan (2006, p.19) quanto ao ato de incluir, “todos os alunos, sem exceção,

devem freqüentar as salas de aulas do ensino regular” e ou em qualquer espaço de formação destinado ao ensino aprendizagem.

Sendo assim, o foco proposto na Formação Continuada com vista à inclusão, deve ser no desenvolvimento das competências das práticas pedagógicas, no sentido de resolver problemas, enfrentando desafios e reavaliando continuamente, no sentido de esclarecer as dificuldades. Pois, a ênfase não deve ser o fracasso na construção desses novos saberes, e sim como lidar com esses novos conhecimentos, no sentido do professor tornar-se diferencial para o seu aluno no processo de ensino-aprendizagem.

Uma formação que proporcione a busca permanente de solução para o acesso desses diferentes corpos, para esse tipo de formação, bem como, compreensão em como fazer para garantir a permanência desses alunos com NEE em uma Escola de Dança. Para que a inclusão se torne um sonho possível em um espaço destinado à formação de todos os sujeitos, que desejam ter acesso aos novos saberes, necessários a formação do aluno/bailarino, ainda que seja preciso investir: na formação dos discentes na perspectiva da inclusão, com vistas à mudança de postura, a democratização do espaço da escola, no diálogo, visando à acessibilidade de diferentes alunos no curso de dança. Não apenas no modelo já preestabelecido, do corpo escultural e do belo estético, mas no direito legal e do princípio de igualdade, garantidos pela constituição brasileira.

Sem deixar de lado a beleza e o privilégio das pessoas tidas como “normais” em conviver com as pessoas com NEE, relato depoimentos de uma professora dessa escola, que diz:

“O natural seria que todas as turmas tivessem o mesmo número de alunos tanto ‘normais’, quanto ‘deficientes’, isso sim deveria ser natural”.

Então professora eu te digo, que me orgulho da boniteza da sua prática, agora parafraseando Freire, e de muitos tantos profissionais, que no exercício da sua profissão tem uma postura inclusiva. Não podemos desistir de acreditar, muito menos de lutar a favor das práticas pedagógicas na perspectiva da inclusão escolar. Até porque o fazer-dança nas escolas brasileiras, está em construção, pelo fato da dança ter sido incluída nos PCNs, como forma de conhecimento a ser trabalhado nas escolas (MARQUES, 2007). Neste sentido todos os profissionais da área podem contribuir, na discussão desse novo conteúdo, e da melhor forma de ser utilizado como elemento para inclusão escolar.

REFERÊNCIAS

ANFOPE, Associação Nacional pela formação dos profissionais da educação, **Documento final IX.**, 1998, Campinas. 1998.

ARANHA, Maria Salete Fábio (org.). **Educação inclusiva: a fundamentação filosófica.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2004.

ARGENTO, Heloísa. **Teoria sócio-construtivista ou sócio-histórica.** Disponível em: <http://www.robertexto.com/archivo1/socio_construtivista.htm>. Acesso em: 08 de março de 2011.

BRASIL. **Leis de Diretrizes e Bases da educação – LDB: Lei 9394/96.** Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 37 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

_____, _____. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido.** 14 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

_____, _____. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GODOY, Arilda S. Pesquisa qualitativa.- tipos fundamentais, **RAE-Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v.35, n.3, p. 20-29, maio/jun. 1995.

GOMES, Simone. A teoria da diversidade na obra de Rudolf Laban, artista olímpico. In: MORAGAS, Miquel de, et al.. **Universidad y estudios olímpicos - Universidade e estudos olímpicos - University and Olympic Studies: Seminarios España-Brasil 2006.** Bellaterra: Universitat Autònoma de Barcelona. Centre d'Estudis Olímpics, Servei de Publicacions, 2007. p. 774-783. Disponível em: <www.sportsinbrazil.com.br/livros/livro_uab_e-book_180407.pdf>. Acesso em: 15 de março de 2011.

KELMAN, Celeste Azulay. Sociedade, educação e cultura. In: MACIEL, Diva Albuquerque, BARBATO, Silviane. **Desenvolvimento humano, educação e inclusão escolar.** Brasília: Editora UnB, 2010.

MACIEL, Diva Albuquerque; RAPOSO, Miriam Barbosa Tavares. Metodologia e construção do conhecimento: contribuições para o estudo da inclusão. In: MACIEL, Diva Albuquerque, BARBATO, Silviane. **Desenvolvimento humano, educação e inclusão escolar.** Brasília: Editora UnB, 2010.

MANTOAN, Maria Teresa Égler. Inclusão promove a justiça. **Revista Nova Escola.** n. 182, maio 2005 – Disponível em:< <http://revistaescola.abril.com.br/inclusao/inclusao-no-brasil/maria-teresa-egler-mantoan-424431.shtml>>. Acesso em: 08 de março de 2011.

_____. _____. O direito de ser, sendo diferente, na escola. In: RODRIGUES, David (org.). **Inclusão e educação: doze olhares sobre a educação inclusiva.** São Paulo: Summus, 2006.

MARQUES, Isabel A. **Dançando na escola.** 4 ed. São Paulo: Cortez, 2007.

MENDES, E. G. Perspectivas para construção da escola inclusiva no Brasil. In: PALHARES, M. S.; MARINS, E. S. C. F. (Org.) **Escola Inclusiva.** São Carlos: EDUFSCAR, 2002.

PERRENOUD, Philippe. **A prática reflexiva no ofício de professor: profissionalização e razão pedagógica**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.

RABELLO, E.T. e PASSOS, J. S. **Vygotsky e o desenvolvimento humano**. Disponível em: <<http://www.josesilveira.com>> . Acesso em: 08 de março de 2011.

SANTOS, Rosirene Campêlo dos; FIGUEIREDO, Valéria Maria Chaves. Dança e inclusão no contexto escolar, um diálogo possível. **Pensar a prática**: revista da pós-graduação da Faculdade de Educação Física/UFG, Goiânia, v. 6, p. 107-116, jul. 2002/jun. 2003.

ZANELLA, Liane Carly Hermes. **Metodologia da Pesquisa**. Florianópolis: SEad/UFSC, 2006.

APÊNDICE A – FICHA DE DADOS DO PARTICIPANTE

Essa ficha será distribuída antes da entrevista, com objetivo se obter maiores informações sobre os participantes, e melhor identificá-los durante as entrevistas no coletivo.

I - Dados e informações relevantes sobre os entrevistados.

Há quanto tempo trabalha como professor (a) de dança? _____

Há quanto tempo trabalha nesta escola? _____

Qual a sua formação? _____

Qual sua idade? _____

Trabalha em outra escola atualmente? Já ocupou outros cargos? Quais?

Com quantas turmas você trabalha e quais as turmas?

O que te motiva atuar como professor de dança?

APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA DE TIPO GRUPO FOCAL

Gravada-áudio

Observações:

- Antes de marcar e realizar a entrevista, os entrevistados devem preencher o termo de consentimento livre e esclarecido para a mesma, assim como a ficha de dados.
- Gravar os dados de identificação da entrevista: data de realização, número de entrevista (primeira ou segunda que os participantes fazem).
- Registrar o horário do início da entrevista.**

I - Aquecimento Inicial: Criação de um clima de confiança com o grupo de entrevistados:

1. Apresentação do entrevistador.
2. Esclarecimentos em relação à pesquisa e aos objetivos da entrevista, ao sigilo em relação à identidade e as respostas, e à necessidade da filmagem, gravação em áudio.
3. Dizer: “Eu vou lhes fazer algumas perguntas sobre questões importantes para a pesquisa. São perguntas para as quais não existem respostas certas nem erradas, sendo assim, a idéia é que vocês respondam cada pergunta de acordo com a sua opinião”.

II - Questões Gerais sobre o tema:

1. O que é inclusão escolar para vocês?
2. Vocês já tiveram experiências, relativas à inclusão escolar de crianças? Caso tenha tido poderia relatar essa experiência? E qual a sua avaliação a respeito do que viveu?
- 1- Na opinião de vocês, a dança pode ser importante para o desenvolvimento da criança? Se a resposta for afirmativa, perguntar: Por quê? Como? Vocês poderiam dar exemplos de atividades de dança importantes para o desenvolvimento da criança?
3. E para o desenvolvimento da criança com NEE?
4. Se a resposta for negativa, perguntar: Por que não? O que vocês acham que pode ser importante para o desenvolvimento da criança

III - Questões relativas à prática pedagógica da escola e ou do profissional.

- 1- Vocês acham que é possível realizar um trabalho de inclusão escolar através do ensino da dança? Se a resposta for afirmativa perguntar: Como? Por quê? Vocês poderiam dar exemplos de atividades de dança que permitam a inclusão escolar?

Se a resposta for negativa. Por que não? O que vocês acham que pode ser importante para a inclusão escolar?

- 2- O que você acha do Ensino da Dança na Escola? Quais os Principais objetivos?
- 3- Você poderia descrever algumas ações inclusivas praticadas no espaço da Escola? E na prática docente de vocês?

IV - Desafios da inclusão escolar

- 1- Em sua opinião quais são os principais desafios da inclusão em uma Escola de Dança? Por quê? Vocês poderiam dar exemplos concretos desses desafios?
- 2- Tem algum tema ou questão específica que vocês gostariam de estudar/aprofundar em relação à inclusão escolar no contexto da dança? Quais? Porque essas questões são importantes?

V - Necessidade de Formação do Professor

- 1- Na opinião de vocês existem necessidades de formação do professor de Dança para inclusão escolar? Por quê?
Se a resposta for afirmativa, perguntar: Quais seriam essas necessidades?
Se a resposta for negativa, perguntar: Por que não?
- 2- Você gostaria de acrescentar alguma coisa ou falar de alguma questão sobre o tema, que não foi abordado?

Registrar o horário do término da entrevista.



ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



Universidade Aberta do Brasília – UnB Instituto de Psicologia – IP
Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED
Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Senhor (a) professor (a):

Convido o (a) senhor (a) para participar de uma entrevista forma de grupo focal que fará parte de uma pesquisa sobre um estudo sobre o tema: “Concepções e Necessidades de Formação de Professores de Dança para Inclusão Escolar” no contexto de uma Escola de Dança, a qual sou responsável. Esclareço que a sua participação na entrevista é voluntária, sendo que você está livre para participar ou não da mesma, e que você poderá deixar a pesquisa a qualquer momento que desejar. Caso você aceite o convite, gostaria de sua autorização para que a entrevista seja gravada em áudio, com o intuito de facilitar a análise da mesma. Esclareço, também, que você está livre para aceitar ou não a gravação da entrevista em áudio.

Sou aluna de Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, da Universidade Aberta do Brasil (UAB/UnB), e estou realizando um estudo sobre a necessidade de formação de professores de Dança para Inclusão Escolar. Este estudo não tem risco para seus participantes, e beneficiará crianças, pais e professores, pois ele visa fornecer informações para melhorar a qualidade da prática pedagógica dos professores e das instituições de ensino nessa modalidade e, assim, melhorar o atendimento oferecido às crianças e pais, em uma Escola de Dança.

Para a realização do estudo será necessário realizar uma entrevista com os profissionais da escola, conforme a disponibilidade dos mesmos. Também será necessário gravar em áudio a entrevista. Este registro será para uso exclusivo da pesquisa, e não será divulgado, através de qualquer meio, em nenhuma hipótese. O participante da entrevista será, desde o início, identificado através de nome fictício que irá preservar sua identidade. Enfatizo que a identidade do entrevistado, e da própria escola, será mantida em total sigilo, em qualquer circunstância.

Como colocado anteriormente, a participação na entrevista é voluntária e as respostas livres de qualquer obrigação ou dever. Informo também, que a entrevista terá no máximo uma hora de duração. Os dados obtidos, a partir da análise da entrevista, serão utilizados apenas e tão somente para os objetivos da pesquisa.

Caso tenha alguma dúvida sobre o estudo, o (a) senhor (a) poderá me contatar pelo telefone (027) 33220509- 99133327 ou no endereço eletrônico, zilanoliveira@hotmail.com

Desde já, agradeço antecipadamente sua atenção e colaboração.

Cordialmente,

Zila Nascimento Oliveira

Aluna do curso de Especialização em Desenvolvimento Humano,
Educação e Inclusão Escolar Universidade Aberta do Brasil-UnB

Sim, concordo em participar da entrevista e com a gravação em áudio da mesma.

Nome: _____

Assinatura: _____